



GT 59. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos, diferenças e direitos

Coordenador(es):

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Povos indígenas, arqueologia e violências

Debatedor/a: Priscila Lini (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE - 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuição para esse debate.

Memórias de Tapera: memória e história de quem reconhece sua ascendência indígena, mas considera tudo que é ligado a indianidade algo pejorativo.

Autoria: Brisa Pires Moura (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Acaraú, município localizado a 236,5 km da capital do Estado do Ceará, Fortaleza, tem em seus limites bem como seus entornos uma organização interessante no ponto de vista etnográfico, onde mesmo tendo na cidade vizinha, Itarema, que inclusive já foi parte de Acaraú, uma comunidade indígena Tremembé e dentro de seus próprios limites mais duas comunidades, que são Telhas e Queimadas, quando a maior parte da população local é questionada sobre a presença indígena na região, grande parte dos seus habitantes quando não afirmam que a mesma é inexistente a colocam limitada apenas a cidade de Itarema, raramente as duas comunidades localizadas na própria cidade são mencionadas. Sendo eu acarauense e mais recentemente antropóloga, já a algum tempo procuro entender como essas relações se elaboram, e como contextos de migrações, violências, expulsões e massacres fizeram parte da construção desse silenciamento. Os diálogos que são tidos com os interlocutores, em geral são feitos com cuidado e só bem aos poucos os interlocutores iam se sentindo confiantes em falar sobre as histórias dos seus avós e até de antes, o que nos rende informações sobre a colonização, regime tutelar e os diversos deslocamentos a que foram impostos. É daí que emerge a palavra tapera, que aqui recebe destaque, onde segundo as narrativas locais, traz um significado um pouco mais profundo do que o mais comumente conhecido na região, tapera, não significa apenas casa, mas a palavra toma uma significação mais afetiva, como a lembrança e memória de onde antes haviam suas casas e mesmo já não existindo se quer um tijolo da construção da moradia referida, hoje em dia por baixo de empresas de carcinicultura e grandes empreendimentos litorâneos as tapers de todos que viviam em uma comunidade que não existe mais, permanece intacta em memória. Este work não trata



especificamente de indígenas que em sua totalidade se reconhecem dessa forma, muito embora possa ser utilizado para que um dia pessoas as pessoas que foram expulsas de suas terras o utilizem numa possível retomada, se assim algum dia alguma família deseje. Talvez se possa dizer que o objetivo maior aqui seja compreender como se deram e se dão, pois esses processos respingam na atualidade, essas relações e disputas no correr do tempo. Uma vez que o espaço não permite que se aponte a totalidade das referências que utilizei, que são compostas principalmente pelos relatos orais de meus interlocutores e works que refletem sobre a questão indígena no Nordeste, onde João Pacheco de Oliveira é um dos principais nomes, outras pesquisas realizados com as comunidades indígenas na região e pensadores que se dedicaram a pensar as relações entre memória e identidade onde gostaria de destacar Pollak, Jacques Le Goff e Paul Connerton.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: